

OS SUPORTES DOS JORNAIS: DO PAPEL AO DIGITAL

NEWSPAPER MEDIA: FROM PAPER TO DIGITAL

Regis Thiago da Silva¹

Universidade de São Paulo

Resumo: Esta pesquisa, em sua fase inicial, adota os princípios teórico-metodológicos da semiótica francesa como base para os procedimentos analíticos, com a interação entre o suporte material dos jornais e os efeitos de sentido gerados na recepção dos leitores. Ao lembrar que a semiótica greimasiana concentrou-se no plano do conteúdo, tendo foco no Percurso Gerativo do Sentido; outros estudiosos, expandiram suas análises ao considerar o plano de conteúdo e da expressão em outras camadas, como a questão matérica, ao se preocupar com a gramatura, sensação tática, entre outras categorias do objeto material que suporta a manifestação do conteúdo. Em Práticas Semióticas (2008), nos níveis de pertinência, Fontanille explora a importância do suporte de exibição na forma como a mensagem é percebida e interpretada, afirmando que o suporte não atua como um meio neutro. Em vez disso, ele interage com o conteúdo e o transforma, alterando a experiência do leitor. No texto jornalístico, isso significa que o suporte material — seja físico, como o papel, ou digital, como uma tela de celular — modifica a leitura e a interpretação da mensagem jornalística. Exemplificando tais mudanças no cenário brasileiro, o corpus escolhido foi o jornal O Estado de S. Paulo ou Estadão que reduziu o tamanho de sua edição impressa em 2021, abandonando o formato tradicional adotado desde 1875 e optando pelo modelo "berliner". Suas publicações mantêm o mesmo conteúdo em suas edições digitais, demonstrando que, embora o material impresso e o digital carreguem a mesma informação, o suporte pode gerar diferentes dinâmicas de leitura e interpretações. O suporte impresso possui qualidades táticas e visuais que influenciam a experiência de leitura. Seu ambiente de leitura geralmente se situa em contextos físicos definidos, como o transporte público, a casa ou um café, o que permite um tempo de leitura mais concentrado e linear. Já o suporte digital opera em um ambiente de navegação fragmentado, em que o leitor lida com múltiplos estímulos simultâneos — notificações, publicidade e outras fontes de distração na internet —, o que compromete a continuidade da leitura e fragmenta a experiência.

Palavras-chave: Semiótica discursiva; práticas semióticas; suporte; jornal.

Abstract: This research, in its initial phase, adopts the theoretical and methodological principles of French semiotics as the basis for analytical procedures, with the interaction between the material support of newspapers and the effects of meaning generated in the reception of readers. Recalling that Greimasian semiotics concentrated on the content level, focusing on the Generative Path of Meaning, other scholars expanded their analyses to consider the content and expression levels in other layers, such as the material question, by focusing on weight, tactile sensation, among other categories of the material object that supports the manifestation of content. In Semiotic Practices (2008), at the levels of relevance, Fontanille explores the importance of the display medium in how the message is perceived and interpreted, stating that the medium does

¹ Mestrando da FFLCH - USP em Semiótica e Linguística Geral – Email: registhiago@usp.br. Este trabalho foi realizado com apoio PROEX – Programa de Excelência Acadêmica da CAPES - Código de Financiamento 001

not act as a neutral medium. Instead, it interacts with the content and transforms it, altering the reader's experience. In journalistic text, this means that the material medium—whether physical, such as paper, or digital, such as a cell phone screen—modifies the reading and interpretation of the journalistic message. To illustrate such changes in the Brazilian context, the chosen corpus was the newspaper *O Estado de S. Paulo*, or *Estadão*, which reduced the size of its print edition in 2021, abandoning the traditional format adopted since 1875 and opting for the “*Berliner*” model. Its publications maintain the same content in their digital editions, demonstrating that, although printed and digital material carry the same information, the medium can generate different reading dynamics and interpretations. Print media has tactile and visual qualities that influence the reading experience. Its reading environment is usually located in defined physical contexts, such as public transportation, home, or a café, which allows for a more concentrated and linear reading time. Digital media, on the other hand, operates in a fragmented browsing environment, where the reader deals with multiple simultaneous stimuli—notifications, advertising, and other sources of distraction on the internet—which compromises the continuity of reading and fragments the experience.

Keywords: Discursive semiotics; semiotic practices; medium; newspaper.

Introdução

As formas de consumo de informação passaram por profundas transformações ao longo das últimas décadas. Com o advento da *internet*, surgiram questionamentos sobre o impacto de sua rapidez e acessibilidade sobre os meios de comunicação tradicionais; os jornais, contudo, mantêm-se resilientes, preservando seu respectivo público de leitores²/assinantes. A materialidade dos suportes de comunicação, seja papel ou digital, influencia diretamente a maneira como o conteúdo é percebido e interpretado. Ao lembrar que a semiótica greimasiana concentrou-se no plano do conteúdo, tendo foco no Percurso Gerativo do Sentido; outros estudosos, expandiram suas análises ao considerar o plano de conteúdo e da expressão em outras camadas, como a questão matérica, ao se preocupar com a gramatura, sensação tátil, entre outras categorias do objeto material que suporta a manifestação do conteúdo. Em *Práticas Semióticas* (2008), nos níveis de pertinência, Fontanille explora a importância do suporte de exibição na forma como a mensagem é percebida e interpretada, afirmando que o suporte não atua como um meio neutro. Em vez disso, ele interage com o conteúdo e o transforma, alterando a experiência do leitor. No texto jornalístico, isso significa que o suporte material — seja físico, como o papel, ou digital, como uma tela de celular — modifica a leitura e a interpretação da mensagem jornalística.

² Neste artigo, quando nos referirmos à palavra leitores, deixamos claro que são leitores/assinantes dos jornais diários todos os dias e não leitores de bancas de jornais com leituras esporádicas.

Exemplificando tais mudanças no cenário brasileiro, o jornal *O Estado de S. Paulo* ou *Estadão* reduziu o tamanho de sua edição impressa em 2021, abandonando o formato tradicional adotado desde 1875 e optando pelo modelo "*berliner*". Da mesma forma, as publicações mantêm o mesmo conteúdo em suas edições digitais, demonstrando que, embora o material impresso e o digital carreguem a mesma informação, o suporte pode gerar diferentes dinâmicas de leitura e interpretações.

Considerando que o suporte digital frequentemente se associa a estímulos interruptivos, como notificações e limitações de bateria, e que o impresso proporciona uma experiência mais controlada e imersiva, questionamo-nos se esses aspectos influenciam práticas de interpretação, recepção e valorização atribuídas à leitura pelo público. Logo, justifica-se o interesse de análise das preferências e experiências dos leitores de cada suporte, com vistas a eliciar como a materialidade do jornal interfere na experiência do leitor/assinante, explorando as implicações das práticas semióticas na leitura dos jornais.

Seções do artigo

- 1. Jornalismo e jornal**
- 2. Premissas amplas da semiótica discursiva**
- 3. Os níveis de pertinência de Fontanille**
- 4. Os suportes dos jornais**

Jornalismo e jornal

As formas de consumo de informação passaram por profundas transformações ao longo das últimas décadas, contudo, um problema observado é sobre alguns nomes utilizados sobre o que é jornalismo e jornal que adotamos para facilitar o entendimento.

Atualmente, para designar o tipo de prática jornalística, diferentes termos, como por exemplo, jornalismo digital, jornalismo online, ciberjornalismo, entre outros, são usados. Segundo Murad (1999) e Canavilhas (2001), a nomenclatura jornalismo está relacionada com o suporte técnico e o meio de veiculação, ou seja, temos jornalismo de rádio, que chamamos rádiojornalismo, no jornalismo para web, chamamos de webjornalismo e de jornalismo impresso àquele que é feito para os jornais tradicionais de papel e digitais. Não falaremos aqui sobre as mudanças de se fazer jornalismo para seus

diferentes leitores, pois, quando falamos de jornal digital ou jornal impresso, nos referimos a materialidade dos suportes de comunicação, ou seja, em telas ou no papel, pois o conteúdo do jornal nos dois suportes (impresso ou digital), permanecem os mesmos.

Premissas amplas da semiótica discursiva

Este artigo adota os princípios teórico-metodológicos da semiótica francesa como base para os procedimentos analíticos, com especial atenção à interação entre o suporte material dos jornais e os efeitos de sentido gerados na recepção dos leitores. A noção de “texto”, central na semiótica, é vista como um objeto de significação, não restrito a uma frase ou unidade de sentido, mas como um conjunto que articula mensagens e experiências culturais. Assim, o jornal se apresenta como um “texto-objeto” cultural e comunicativo que será analisado a partir dessas premissas.

Para essa análise, é fundamental a distinção entre os planos de conteúdo e de expressão, proposta por Louis Hjelmslev em *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem* (1973). Hjelmslev estabelece que toda linguagem possui dois planos: o plano de conteúdo — onde o sentido é articulado — e o plano de expressão, responsável pela manifestação sensível da linguagem. Em ambos os planos, Hjelmslev considera as dimensões de forma e substância: a forma representa a organização relacional e invariável que estrutura o sentido, enquanto a substância é o suporte material variável em que essa forma se realiza. Assim, a forma é um elemento estrutural e estável, enquanto a substância adapta-se às convenções culturais e materiais, sendo composta pelos “hábitos de uma sociedade”.

Esses conceitos fornecem base para a análise dos jornais impressos e digitais como objetos de significação, uma vez que cada suporte material (papel ou digital) articula a forma de conteúdo e de expressão de maneiras distintas, influenciando a recepção do leitor. A relação entre forma e substância é ilustrada pela metáfora da folha de papel: seus dois lados podem ser observados e analisados, mas são inseparáveis, da mesma forma que os planos de conteúdo e expressão operam juntos na criação de sentido.

A semiótica greimasiana, segundo Basso Fassali e Dondero (2011), concentra-se no plano do conteúdo, com foco no Percurso Gerativo do Sentido. No entanto, estudiosos como Félix Thürlemann (1982) e Jean-Marie Floch (1985, 1986) expandem essa análise ao considerar a forma do conteúdo e da expressão, ampliando o escopo para

o estudo de imagens e objetos visuais. Thürlemann, ao estudar a obra *O mito da flor* (1982), de Paul Klee, explora categorias da semiótica plástica — topológica, cromática e eidética —, destacando como a interação entre expressão visual e conteúdo afeta a interpretação. No entanto, outras categorias podem ser consideradas, como a matérica, que se preocupa com a gramatura, sensação tática, entre outras características do objeto material que suporta a manifestação do conteúdo.

No estudo do plano de expressão, Jacques Fontanille, a partir dos anos 1990, propõe avanços com os conceitos de suporte formal e suporte material, que serão centrais para a análise.

Os níveis de pertinência de Fontanille

Ao refletirmos sobre os suportes dos jornais, partiremos das noções de Jacques Fontanille, ao propor conceitos de níveis de pertinência, importantes no estudo do plano de expressão. Desta forma, (Fontanille, 2005, p. 16) propõem uma relação aos diversos modos de percepção sensível, uma vez que permitem, no plano da expressão, pressupor uma “experiência semiótica”. Ao analisar semióticamente os diferentes níveis de experiência em seus níveis de pertinência, Fontanille parte das unidades mínimas para as máximas dos níveis, que se articulam da seguinte forma:

Tipo de Experiência	Instâncias Formais	Instâncias Materiais
Figuratividade	Signos	Propriedades sensíveis e materiais das figuras
Interpretação	Textos Enunciados	Propriedades sensíveis e materiais dos textos
Corporiedade	Objetos	Propriedades sensíveis e matérias dos objetos
Prática	Cenas predicativas	Propriedades sensíveis e materiais das práticas
Conjuntura	Estratégia	Propriedades sensíveis e materiais das estratégias
Ethos e comportamento	Forma de vida	Propriedades sensíveis e materiais das formas de vida

Fonte: (Fontanille, 2005, p. 36 – Reprodução nossa)

Nos **signos** são experiências figurativas, sendo unidades significantes elementares. Para Fontanille, neste nível, todos os aspectos sensíveis da imagem são reenviados à substância, em direção à matéria do plano de expressão, (ou seja, as técnicas e práticas, pictóricas e plásticas, empregadas). Esses elementos materiais apresentam uma recorrência, uma regularidade, sendo levado em consideração o ponto de vista da história da arte, sendo levados em consideração um estilo e uma estética. Mas esses elementos sensíveis só se tornaram pertinentes a partir de um ponto de vista superior, integrados com o seu nível acima, o dos textos-enunciados.

Os jornais, por exemplo, são formados por signos (verbais e plásticos) que convocam os canais sensoriais (visão), ao trazer a escrita e a fotografia, sem falar no tato e até mesmo cheiro (depende do suporte). Tais elementos compõem os signos que formam, o que é chamado na semiótica de linguagem sincrética nos jornais.

Os **Textos-enunciados** correspondem ao nível de experiência textual, interpretativo e intencional.

Um texto-enunciado é um conjunto de figuras semióticas organizadas em um todo homogêneo graças à sua disposição sobre um mesmo suporte ou veículo (uni, bi ou tri-dimensional): o discurso oral é unidimensional; os textos escritos e as imagens são bi-recionais; e a língua dos sinais é tri-dimencional. (Fontanille, 2005, p. 18).

Desta maneira, ele se coloca como um dispositivo de inscrição. No entanto, Fontanille que, em alguns casos, como na afixagem de cartazes, muitas vezes a análise apenas do dispositivo de inscrição, enquanto ícone-texto, não é suficiente, sendo necessário também explorar seus suportes de inscrição. No caso do jornal, ele se classifica como tal por apresentar signos organizados em textos-enunciados, lembrando FLOCH e a semiótica visual, com características topológicas, eidéticas e cromáticas. Além disso, o jornal se encontra inscrito em um ou mais suportes – jornal em papel tradicional e jornal digital (tela do celular, tela do notebook). Assim, precisamos subir mais um nível, dos objetos-suportes.

No nível dos **objetos-suportes** apresentam “estruturas materiais, dotadas de uma morfologia, de uma funcionalidade e de uma forma exterior identificável, cujo conjunto é destinado a um uso ou a uma prática mais ou menos especializada” (Fontanille, 2005, p. 19). Por isso, é necessário levar em conta o entorno onde o suporte se encontra, o que

Fontanille chama de “sua eficácia enunciativa e pragmática” (2005, p. 19). O entorno engloba competências modais/passionais e até possíveis interações dos enunciatários. Passamos para a situação semiótica, ou seja, a passagem do texto-enunciado ao objeto-suporte, a relação enunciativa que é proposta e as práticas nas quais está inserido. O objeto opera dentro de regras estabelecidas pelo seu gênero e regula sua interação com o enunciatário: “é uma configuração heterogênea que comporta todos os elementos necessários à produção e à interpretação da significação de uma interação comunicativa” (Fontanille, 2005, p. 24).

Os jornais possuem, em si, o texto-enunciado que será lido e interpretado, sendo ao mesmo tempo contemplado o manuseio do objeto-suporte (impresso – digital), leitura e manipulação se articulam, sendo a segunda “uma das fases da interação enunciativa entre os participantes dessa troca” (Fontanille, 2005, p. 21).

Segundo Fontanille,

O objeto de escritura desempenha, nessa ótica, dois papéis: de um lado, ele é o suporte do texto (superfície de inscrição); de outro, ele é um dos atores da situação semiótica (papel de participante de uma prática social). Dito de outra forma, sua morfologia composta, que determina a maneira como ela se organiza, contribui para a modalização da inscrição prática:

Enquanto suporte, ele modaliza e restringe o sistema de inscrições;
Enquanto objeto material, ele apresenta certas propriedades de consistência, de relativa solidez que impõem uma praxiologia específica para desempenhar atos enunciativos. (Fontanille, 2005, p. 21,22).

Por exemplo, o jornal em papel, além de ser um suporte do texto-enunciado, é também um objeto voltado muitas vezes para a edições especiais (como a edição mais recente do jornal O Globo de 100 anos) e até de documentação como fonte histórica para se comprovar fatos relevantes ocorridos em uma determinada época. Isso traz, no campo dos enunciatários, um objeto não apenas voltado a leitores/assinantes de jornais, mas leitores não casuais que podem adquirir uma edição do jornal não apenas para leitura, mas também para coleção ou algum fato marcante que tenha o chamado atenção. Fontanille descreve isso como o surgimento do nível de pertinência superior, os das práticas, que, neste exemplo, envolve práticas de leitura, práticas de manipulação de objetos, práticas de colecionar, etc. Assim, “a experiência dos objetos é, portanto, aquela dos corpos materiais, destinados a um duplo uso (suporte de marcas e manipulações práticas), e a

experiência desses corpos-objeto convertidos em forma de expressão” (Fontanille, 2005, p. 22).

Fontanille divide essas formas de expressão em forma sintática local e forma sintática global,

De um lado, uma *forma sintática local* (a superfície e o volume de inscrição), susceptível de receber as inscrições significantes (enquanto suporte dos *textos enunciados*, de outro, uma *forma sintática global*, que lhe permite desempenhar um papel actancial ou modal na situação em nível de pertinência superior, que é aquele das práticas significantes. (Fontanille, 2005, p. 22).

Isto afirma que os objetos possuem um funcionamento inseparável do nível inferior (textos-enunciados) e superior (práticas), conforme elaborado por Fontanille. O objeto fica como intermediário em um processo de integração de estruturas enunciativas. Os planos de enunciação do texto, então, se dividem em (1) “uma enunciação enunciada, inscrita” sobre o objeto-suporte, e (2) “uma enunciação pressuposta, que permanece virtual, na qual o objeto-suporte irá “encarnar e manifestar, por suas propriedades materiais, o tipo de enunciação interativa pertinente” (Fontanille, 2005, p. 23). Da mesma forma que o objeto-suporte dá a estrutura para as manifestações figurativas, ele também está voltado a práticas, próprias enunciações objeto. Já as marcas de uso, ou melhor, esses traços enunciativos, ficam no campo da enunciação-uso de forma virtual e pressuposta. Os objetos que servem de suporte ao texto pertencem, cada um, a um ou mais diversas práticas (leitura, produção editorial, mercado, etc), compostas por cenas predicativas pertinentes.

As **práticas** organizam a interação com os textos-enunciados por meio dos seus suportes materiais e objetos. A prática constitui uma dimensão predicativa da situação semiótica, ou seja, uma situação cena, “que pode ser obtida graças à conversação de uma *experiência prática* em dispositivo de expressão semiótica”, conforme coloca (Fontanille, 2005, p. 25).

Essa prática é convertida em um ou vários processos (ou predicados) e atos de enunciação (que implicam papéis actanciais), manifestados pelo suporte, texto, pelo entorno, pelo usuário/observador, ou por qualquer outro elemento que possa compor a cena da prática. O que inclui relações entre diferentes papéis, tais como os papéis actanciais, os atos de enunciação e as modalizações relevantes.

Voltando ao nosso exemplo, o jornal se coloca configurada para um determinado uso, o de informar seus leitores, desempenhando um papel actancial dentro de uma prática

intelectual resultando em uma ação na qual o objeto contém o texto que visa interpretação e leitura. Ao mesmo tempo que o seu texto é a narrativa jornalística, ele se encontra inscrito em ao suporte de inscrição típico do jornal atualmente, seja em formato impresso – papel ou digital – celular). As cenas predicativas e as práticas devem ser ajustadas, não apenas umas entre as outras, mas também com as diversas formas de atuação dos leitores, tendo um ajustamento estratégico, caracterizando a experiência de uma conjuntura (cada leitor tem interesses em cadernos diferentes no jornal e até mesmo na sua leitura, ao lembrar que essa leitura pode ser realizada no formato impresso ou digital, o que traremos mais à frente.

Já na **estratégia**, “a situação semiótica é mais o menos previsível ou mesmo programável”, (Fontanille, 2005, p. 26) tendo ajustes das cenas predicativas no espaço e no tempo contidas em uma conjuntura entre práticas:

A dimensão estratégica resulta, portanto, da conversão em dispositivo de expressão de uma experiência de conjuntura e de ajustamento entre cenas predicativas práticas [...] A situação-estratégia reúne práticas para fazer delas significantes novos, mais ou menos previsíveis (usos sociais, ritos, comportamentos complexos), através da programação de percursos e de suas intersecções, ou de ajustamentos, em tempo real. (Fontanille, 2005, p. 27)

Há, portanto, um ajustamento ao entorno e suas regras, enquanto se configura como “manifestação figurativa espacial e temporal da situação” (Fontanille, 2005, p. 27).

Ao falarmos do jornal, como já vimos, o objeto é suporte do texto-enunciado, que resguarda as marcas de inscrição, fornecendo a base para a sua manipulação física e leitura do texto pertencentes à determinada prática.

Considerando “objeto enquanto corpo material, o objeto é também dispositivo na dimensão estratégica, uma vez que é necessário gerir a conjuntura de muitas cenas”, como diz Fontanille (2005, p. 28). Assim, os materiais apresentam marcas como volume, densidade, texturas características, durabilidade e manipulação em transportes, apontando um fator de triagem entre seus leitores, com uma promessa da sua durabilidade no tempo e no espaço. O que também leva a ajustes nas práticas editoriais e mercadológicas, tendo de observar e negociar com as práticas de leitura e consumo dos potenciais leitores de modo a alcançá-los.

O último são as **Formas de vida**, que englobam todos os níveis de pertinência inferiores já descritos nesse artigo (os signos, os textos-enunciados, os objetos-suporte e

as práticas). As formas de vida “manifestam as constantes de uma identidade” (Fontanille, 2005, p. 30), enquanto estilos caracterizando, leitores, consumidores, etc. Estas constantes são modos de vidas em geral, obtidas por uma regularidade e repetições das cenas predicativas entre elas.

Quando falamos em “identidade”, estamos tratando de uma identidade de comportamento dessa experiência de regularidade nos procedimentos de ajustamento estratégico, da experiência de um ethos. Ao englobar todos os níveis é possível analisar a significação através das culturas. Agora, vamos analisar a importância dos suportes.

Os suportes dos jornais

Desde sua origem em 1808, com o surgimento da Gazeta do Rio de Janeiro (MARTINS e De LUCA, 2008) o papel foi o suporte de criação e produção do jornal para a sociedade brasileira. E com isso dizemos que a nação nasce, cresce junto com a imprensa, onde uma explica a outra. Com o passar dos anos surgiram mais jornais com suas mais variadas linguagens e ramificações nos meios de comunicação. Muitos e variados foram os caminhos trilhados. Com o surgimento e evolução da tecnologia os jornais também migrariam para a internet. É claro que mudanças ocorreriam a partir do momento que os jornais migrassem para o ambiente da web, pois a materialidade do papel e das tintas impressas cederam lugar à energia das ondas das telas (Smartphone, computadores, tablets, e-reader, etc.).

E mesmo com as discussões sobre as inovações que a internet possibilita, as publicações mantêm o mesmo conteúdo em suas edições digitais, demonstrando que, embora o material impresso e o digital carreguem a mesma informação, o suporte pode gerar diferentes dinâmicas de leitura e interpretações.



Foto 1: (Regis Thiago/Arquivo)

No estudo do plano de expressão, Jacques Fontanille, a partir dos anos 1990, propõe avanços com os conceitos de suporte formal e suporte material, que serão centrais para a análise. Segundo Fontanille (2005, 2008), esses conceitos ajudam a entender como o conteúdo de um texto se adapta ao seu suporte físico. A distinção entre suporte formal, que é a estrutura ou forma da expressão, e suporte material, que é a base material onde esse conteúdo é exibido, proporciona ferramentas para investigar como diferentes suportes influenciam os efeitos de sentido.

Em *Pratiques Sémiotiques* (2008), Fontanille explora a importância do suporte de exibição na forma como a mensagem é percebida e interpretada, afirmando que o suporte não atua como um meio neutro. Em vez disso, ele interage com o conteúdo e o transforma, alterando a experiência do leitor. No texto jornalístico, isso significa que o suporte material — seja físico, como o papel, ou digital, como uma tela de celular — modifica a leitura e a interpretação da mensagem jornalística.

O suporte impresso possui qualidades tátteis e visuais que influenciam a experiência de leitura. Fontanille observa que o ambiente de leitura do jornal impresso geralmente se situa em contextos físicos definidos, como o transporte público, a casa ou um café, o que permite um tempo de leitura mais concentrado e linear. Já o suporte digital opera em um ambiente de navegação fragmentado, em que o leitor lida com múltiplos estímulos simultâneos — notificações, publicidade e outras fontes de distração na internet —, o que compromete a continuidade da leitura e fragmenta a experiência.

Jacques Fontanille também aborda a diferença de distribuição entre os dois suportes em “*Du support matériel au support formel*” (2005). O jornal impresso possui uma circulação limitada a um espaço físico específico, enquanto o digital permite um alcance global e instantâneo, com possibilidades de atualização em tempo real e uso de conteúdos interativos. No entanto, o conteúdo editorial do *O Estado de S. Paulo* é mantido consistentemente em ambos os formatos, o que permite analisar como a materialidade dos suportes modifica os efeitos de sentido, criando uma heterogeneidade nas práticas de leitura.

Outro ponto relevante é a relação entre legibilidade e visibilidade, dois fatores críticos na eficácia da comunicação jornalística. A legibilidade refere-se à facilidade com que o conteúdo pode ser compreendido, enquanto a visibilidade diz respeito à capacidade do jornal de captar a atenção do leitor. Ambos são essenciais para uma comunicação eficaz, mas cada suporte equilibra esses elementos de maneira distinta, em função das propriedades materiais e das expectativas dos leitores. O **objeto-suporte** de Fontanille, entendido como a estrutura material que sustenta o conteúdo (2008), interage com essas variáveis de maneira direta, sendo ao mesmo tempo suporte físico e parte da estratégia de percepção e interpretação da mensagem.

Fontanille (2008) sugere uma articulação de várias “semióticas-objetos”, propondo que diferentes níveis de pertinência material e formal sejam considerados na interpretação do texto. Ele argumenta que a expansão do digital amplia as fronteiras do “texto” jornalístico, incorporando elementos multimídia que desafiam os limites do plano de expressão. Para Fontanille, a escrita digital, com suas linguagens de programação e multimídia, introduz novos modos de expressão e novos desafios na relação entre forma e substância da expressão. Essa integração redefine, segundo um princípio de imanência em extensão, as fronteiras do texto e amplia sua apreensão (Bordron, Estay Stange e Moutat, 2023, p. 2).

Segundo Fontanille (2008), toda e qualquer prática, discursiva ou não, é organizada a partir de um ato que compreende um operador, um objetivo e outras práticas com as quais ela interage, ou seja, incluem-se enquanto práticas por também serem dotados de uma estrutura articulando um ou mais processos e actantes.

A questão central consiste em investigar se os novos suportes possibilitam o surgimento de articulações semióticas inéditas, ainda amplamente inexploradas, posto que a expansão do digital oferece hoje novas perspectivas, tanto no que se refere à análise

quanto à disseminação da informação. De fato, a escrita multimídia, fundamentada no uso de linguagens de descrição e programação, desafia o plano de expressão, sobretudo no que diz respeito à sua relação com a substância da expressão semiótica. Em vista disso, introduzimos fundamentos teóricos com uma explicação breve sobre os níveis de pertinência de Jacques Fontanille.

Considerações Finais

Nessa abordagem embrionária, sem nenhum intensão de conclusão, é necessário refletir que a questão central consiste em investigar se os novos suportes possibilitam o surgimento de articulações semióticas inéditas, ainda amplamente inexploradas, posto que a expansão do digital oferece hoje novas perspectivas, tanto no que se refere à análise quanto à disseminação da informação. De fato, a escrita multimídia, fundamentada no uso de linguagens de descrição e programação, desafia o plano de expressão, sobretudo no que diz respeito à sua relação com a substância da expressão semiótica. O jornal impresso possui uma circulação limitada a um espaço físico específico, enquanto o digital permite um alcance global e instantâneo.

No entanto, o conteúdo editorial dos jornais, são mantidos consistentemente em ambos os formatos, o que permite analisar como a materialidade dos suportes modifica os efeitos de sentido, criando uma heterogeneidade nas práticas, tendo um andamento, como aceleração e desaceleração na leitura. Outro ponto relevante é a relação entre legibilidade e visibilidade, dois fatores críticos na eficácia da comunicação jornalística.

A legibilidade refere-se à facilidade com que o conteúdo pode ser compreendido, enquanto a visibilidade diz respeito à capacidade do jornal de captar a atenção do leitor. Ambos são essenciais para uma comunicação eficaz, mas cada suporte equilibra esses elementos de maneira distinta, em função das propriedades materiais e das expectativas dos leitores. Considerando que o suporte digital frequentemente se associa a estímulos interruptivos, como notificações e limitações de bateria, e que o impresso proporciona uma experiência mais controlada e imersiva, questionamo-nos se esses aspectos influenciam práticas de interpretação, recepção e valorização atribuídas à leitura pelo público. Logo, justifica-se o interesse de análise das preferências e experiências dos leitores de cada suporte, com vistas a eliciar como a materialidade do jornal interfere na experiência do leitor/assinante.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do texto.** São Paulo, 2005
- CRESTANI, Luciana Maria. **Sincretismo de Linguagens e Efeitos de Sentido no Jornalismo On-line.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, V. 10, p. 456-474, 2014.
- MEI, Ana Claudia. **A Leitura do Jornal como Experiência Sensível.** Caderno de textos do GT Produção de Sentido nas mídias, p. 15-31, 2004.
- KERI, Natalia Favrin. **Questão de gosto: o discurso da arte no jornalismo cultural impresso.** USP: 2015
- GALAN, Douglas V. **Para além dos links: diálogos entre o meio digital e o impresso.** ECA-USP: 2013
- LIMA, Jaqueline Rocha. **Análise da capa de um jornal à luz da Semiótica Francesa.** UVRD: 2009.
- BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte Histórica.** São Paulo: Vozes, 2023.
- BASSO FOSSALI, Pierluigi & DONDERO, Maria Giulia (2011). **Sémiotique de la photographie.** Limoges : Pulim.
- CASTRO, C. M. de, & PORTELA, J. C. (2018). **A noção de conteúdo e de expressão no percurso gerativo do sentido.** Estudos Semióticos, 14(3). <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2018.148463>
- DONDERO, Maria Giulia & FONTANILLE, J. (2012). **Des images à problèmes. Le sens du visuel à l'épreuve de l'image scientifique.** Limoges : Pulim.
- DONDERO, Maria Giulia; REYES-GARCIA, Everardo. Os suportes das imagens: da fotografia à imagem digital. **Revista do GEL**, v. 16, n. 2, p. 163-190, 2019. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>
- FLOCH, Jean-Marie. **Semiótica Plástica e linguagem publicitária.** Paris.

FLOCH, Jean-Marie. **Identidades Visuais**. Paris. PUF

FONTANILLE, Jacques. **Significação e Visualização – Exercícios práticos**. Porto Alegre : Ed. Sulina, 2005.

FONTANILLE, Jacques (2005). « **Du support matériel au support formel** », in Arabyan & Klock-Fontanille (éds). *L'Écriture entre support et surface*. Paris : L'Harmattan, pp. 183-200.

FONTANILLE, Jacques (2008). **Pratiques sémiotiques**. Paris : PUF.

FONTANILLE, Jacques. **Discursos, mídias, práticas e regimes de crença**. Revista do GEL, v. 16, n. 3, p. 246-261, 2019. Disponível em <https://revistadogel.gel.org.br/>

GOMES, Regina Souza. **Relações entre linguagens no jornal: fotografia e narrativa verbal**. Niterói: EDUFF, 2008.

GREIMAS, Algirdas; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LOPES, Ivã Carlos (2003). **Entre expressão e conteúdo: movimentos de expansão e condensação**. Revista de Literatura Itinerários, n° 20.

MANCINI, Renata. **Quadrinhos: do papel à internet**. São Paulo: Estação das letras, 2013.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. **A história da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto

MORATO, Élisson F. (2010). **Entre o verbal e o não-verbal: uma análise semiótica de textos publicitários**. Revista de Letras, n° 13.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Análise do texto Visual: a construção da imagem**. São Paulo: Contexto, 2007.

SANT'ANNA, Lourival. **O destino do jornal: a Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo na sociedade da informação.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

THÜRLEMANN, Felix (1982). Paul Klee. **Analyse sémiotique de trois peintures.** Lausanne: L'Âge d'homme.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de semiótica tensiva.** Trad. Ivã Carlos Lopes *et al.* 1 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.